

POVO ALGARVIO

AVENÇA PREÇO AVULSO 2\$50



SEMANÁRIO REGIONALISTA — DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: MANUEL VIRGÍNIO PIRES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO ≡ RUA DR. PARREIRA, 13 ≡ TELEFONE 22503 ≡ TAVIRA ≡ COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO ≡ TIPOGRAFIA «POVO ALGARVIO» ≡ TELEFONE 22622 ≡ TAVIRA

ECOS DO PASSADO

SUBTERRÂNEOS

A EXISTÊNCIA de subterrâneos sempre despertou grandemente a curiosidade das gen-

por
(Damião de Vasconcelos)

tes, e daí o criar-se o mistério da servidão desses caminhos ocultos.

E como o mistério é sempre difícil e muitas vezes impossível de desvendar, daí o criarem-se lendas. Lendas que se propagam através de gerações, resistindo tenazmente a tudo: à lógica dos factos, à demonstração verídica, à inverosimilhança, à verdade, a tudo, enfim. A acção destruidora do tempo, que tudo extingue, não destrói a lenda. Vão-se as gerações e as eras; a lenda fica, é imortal.

Em Tavira corre a lenda de que uma galeria subterrânea ligava o convento de Santo António com o convento das Bernardas. Está o leitor a ver a intenção brejeira dessa versão. O convento de Santo António é obra do século XVII, e o das freiras, do século anterior. Pois a ligação oculta fez-se, diz a lenda, mas não escl-

(Continua na 2.ª página)



Presidente Spínola: — «O Povo Português saberá escolher por si o caminho certo, repudiando a palavra vazia dos falsos arautos da Liberdade»

«Como primeiro servidor da nova sociedade portuguesa, já legitimada pela inequívoca adesão do povo à liberdade que lhe foi restituída, cumpro o indeclinável dever de vos cautelar contra todos aqueles que, directa ou indirectamente, estão empenhados em minar o ideário democrático que presidiu ao Movimento das Forças Armadas» — afirmou o Presidente da República, general António de Spínola, ao discursar em Tomar, cuja população o recebeu com vibrantes manifestações de aplauso. E acrescentou:

«Estamos efectivamente a iniciar os primeiros passos no caminho da democratização, da justiça social, do trabalho e da paz, mas haverá que distinguir desde já a verdadeira democracia das ideologias que, a coberto de um desvirtuado conceito de verdade, nos podem conduzir a re-



Na cidade do Porto, como em Tomar, mais de cem mil pessoas aclamaram o Presidente da República, General António Spínola

gimes políticos bem mais despoticos do que o derrubado em 25 de Abril. E' bom que o povo português não se deixe iludir, pois é na embriaguez das vivas à liberdade e à democracia que muitas vezes se cria o ambiente propício à entrada da contra-revolução.»

A França, após a revolução de 1789 que transformou as suas estruturas governativas e abalou fortemente as estruturas de outros povos da Europa, instituiu a Lei dos Direitos do Homem que dizia no seu primeiro artigo:

«Os homens nascem e permanecem livres e iguais nos seus direitos. As distinções sociais só podem fundamentar-se na utilidade comum.»

CONVERSA DA SEMANA

DEMOCRACIA

Assim, para elucidar melhor os nossos leitores, transcrevemos mais três artigos da referida Lei que devem servir para uma tomada de consciência no actual momento português em que se torna necessário compreender os verdadeiros principios democráticos, decorridos 48 anos de obscurantismo. Ei-los:

«Art.º 4.º — A Liberdade consiste em poder fazer tudo o que não prejudique os outros. Deste modo o exercicio dos direitos naturais de

Continua na 2.ª página

MORREU O DR. AUGUSTO GAMBOA LEITÃO

Embora adoentado já há tempo, pelo que tivera que ir a Lisboa consultar a Medicina, de onde havia regressado aparentemente melhor, no passado sábado dia 1 do corrente, faleceu repentinamente, na sua residência, o sr. Dr. Augusto Gamboa Leitão, que durante alguns anos com muita competência e zelo exerceu as funções de director da Escola Técnica de Tavira.

Era um homem de bem, que vivia exclusivamente para a sua Escola e para os seus alunos.

Por razões de ordem familiar, embora fosse bastante estimado em Estremoz, onde fora também director da Escola Técnica local, tendo contribuído muito para a construção de um novo e moderno edificio para aquele modelar estabelecimento de ensino, resolveu vir instalar-se em Tavira, terra de sua esposa, onde se dispôs passar a última fase da sua vida.

Dedicou-se de alma e coração à sua Escola, que viu progredir, criando novas secções e com a publicação dos últimos decretos sobre o ensino, ultimamente desempenhava simultaneamente as funções de director do Liceu e da Escola Técnica.

Mas a acção dos homens nem sempre é devidamente apreciada e compreendida e, talvez devido à sua extrema generosidade, se tenha por vezes deixado arrastar pela voz do sentimento em beneficio de alguns mal agradecidos que incompreensivelmente lhe causaram desgostos amargos

(Continua na 2.ª página)

Nova Lei Eleitoral

Foi empossada a Comissão que vai elaborar a nova Lei Eleitoral, à qual preside o dr. Magalhães Godinho O Primeiro Ministro, prof. Palma Carlos, referindo-se ao futuro diploma, salientou: «Terá de ser uma lei leal e aberta, que permita ao povo português escolher com inteira liberdade os seus representantes».

Reivindicações

No momento em que os governantes estão a preparar novos programas administrativos para uso do País, não parece muito oportuno adicionar a enormes preocupações um acervo de problemas chamados «reivindicações» mas, enfim, cada um lá sabe e cumpre-nos respeitar o proceder dos nossos concidadãos.

Uma das reivindicações diz respeito à Lei do Divórcio em que o Estado e a Igreja acordaram no instrumento jurídico chamado Concordata.

A Concordata, como qualquer tratado, é susceptível duma revisão de anos a anos ou, mais justamente, sempre que o ambiente social assim o recomende.

(Continua na 3.ª página)

TROVA

Haveria mais ateus,
Não me restam ilusões,
Se dessem dinheiro a Deus
Em troca das orações.

V. P.

AMNISTIA

Por Crimes de Delito Comum

Por proposta do titular da pasta da Justiça, dr. Salgado Zenha, foi aprovada em reunião de Conselho de Ministros, uma amnistia a condenados por crimes do delito comum.

Lei do Divórcio

«Enquanto não sair uma Lei do Divórcio a sério, eu não posso dizer que vivo num país democrático» — declarou ao vespertino «A Capital» o dr. Leão Franco, membro da Comissão do Movimento Nacional Pró-Divórcio, o qual advoga, como medidas imediatas, a revogação da Concordata, a conversão em divórcio de todas as separações judiciais de pessoas e bens e a abolição pura e simples da condição de filho ilegítimo.

A Fraca Iluminação NO JARDIM PÚBLICO

QUANDO é que o nosso jardim público, sobretudo na época de Verão, terá uma iluminação condigna?

Já há anos que vimos batendo nesta já tão sedida tecla, e nada.

Confirma se afinal o epíteto de jardim da esplanada, porque

preferem viver na obscuridade como os morcegos?

Que diferença do jardim de outrora, sala de visitas da cidade, onde à noite se reunia a fina nata da sua população, em amenos serões, ao fresco, com a luz abundante dos seus candeeiros.



vive parasitariamente dos bocados de mosaico sobranceiros e até da luz que ela irradia.

Ou será que os tavirenses

Não há nada que provoque pior impressão a quem passa de noite por uma cidade do que

(Continua na 3.ª página)

ECOS DO PASSADO

Subterrâneos

(Continuação da 1.ª página)

receu se foi feita de comum acordo, ou de quem partiu a iniciativa.

Como, quando, e com que dinheiro? As freiras não eram ricas e os Antonianos não pobres, que até esmolavam. Pois a lenda assevera que tal caminho oculto existe. Como? Quando? A lenda emudeceu, ou por falta de iniciativa, ou por um resto de pudor tardio.

Mas como todas as lendas têm um fundo de verdade, esta também tem sua razão de ser. E' evidente que não se trata de ligação oculta entre os dois conventos. Trata-se simplesmente de um celeiro;

Em todos os conventos, como em todas as povoações fortificadas, ou nas casas de campo daqueles tempos, usaram-se celeiros subterrâneos, também chamados silos, conhecidos regularmente por covas.

Os mouros usavam dessas covas, a que chamavam Atamorras ou Matamorras, que eram do feitio duma cisterna, com três ou quatro braças de alto e largura na proporção; e nelas conservavam o trigo por cinco, seis e mais anos, sem a mais leve corrupção. Para isso, depois de debulhado e bem limpo, em estando frio, o metiam na cova, cobrindo-o com palha e depois com terra.

Este uso foi copiado pelos cristãos, usando-se muito nos conventos, praças fortes e casas particulares, como atrás dissemos, num espírito de previdência muito para louvar.

Extintos os conventos, em Santo António alguém deparou com uma dessas covas, e ignorando a sua serventia e vendendo-a, provavelmente, na direcção do convento das Bernardas, daí originou-se a lenda brejeira duma ligação subterrânea entre os dois conventos.

No tempo dos árabes e depois da conquista cristã, o actual alto de Santa Maria era a praça da antiga vila de Tavira, com o alcaçar do seu régulo e sua mesquita;

Então a vila limitava-se a dentro do seu recinto amuralhado. Desse largo, centro do burgo, existiriam entradas para subterrâneos que irradiariam para vários sítios extra-muros, obedecendo à estratégia desses tempos e para casos de fuga, em aperto sério e irresistível, além das que serviriam de celeiros, a que nos referimos.

Vamos falar apenas dos que sabemos ainda existirem, por notícias de há muito nos deram. Doutras, só o acaso os pode descobrir.

A fraca iluminação no Jardim Público

(Continuação da 1.ª página)

a sua fraca iluminação.

O jardim só é bem iluminado em volta do lago, em que a luz é fornecida pela empresa particular exploradora do recinto.

E os outros, aqueles que pagam contribuições para terem assento num banco, que não querem expôr-se em lugar destacado, ficam na penumbra?

Esperamos que quem de direito se debruce sobre este problema pois não faz sentido que não se dê ao povo luz conveniente.

Como já dissemos, não se trata de um problema de agora mas, quanto mais luz derem aos cafés e esplanadas mais sobressai a escuridão pública.

Creemos que não será por esse motivo que desfludará o erário municipal dar luz a quem necessita é como que uma obra de misericórdia.

Frente á ermida da Senhora da Piedade, existia uma abertura por onde se descia a um desses subterrâneos que se continuava por debaixo da praça, ora denominada da República. Como fosse costume alguns graciosos penetrarem nele até debaixo da praça e aí fazerem ruído de maneira a assustar os transeuntes, começou então a Guarda Principal a destacar uma sentinela para a entrada do subterrâneo, até que a Câmara mandou entupir aquela abertura.

Há anos, no alto de Santa Maria, num exercício militar de abertura de trincheiras, deparou-se com um subterrâneo, e a montante da ponte, na muralha marginal da rua da Fonte, existe uma porta, hoje entaipada mas ainda com arcos visíveis, que claramente indica a saída de um subterrâneo.

Num quintal da travessa do Poço dos Mouros, vimos há anos a abertura, ou saída, dum desses caminhos ocultos, para onde se descia por alguns degraus de pedras, caminho que se diria prolongar-se sob a rua do Mau-Foro. Hoje essa abertura é invisível por se lhe ter construído uma casa em cima.

E são estes os subterrâneos que existem, ao certo; outros, só o acaso os descobrirá.

Lisboa, 31-12-935

Damião de Vasconcelos

Transcrito do «Povo Algarvio» de 16 de Fevereiro de 1936, isto é, há mais de 38 anos.



Agenda

Telefones úteis:

Hospital e Maternidade . . .	22133
Bombeiros . . .	22122
Bombeiros Ambulância . . .	22125
Serviço de Urgência de Ambulância . . .	115
Polícia . . .	22022
Guarda N. Republicana . . .	22417
Brig. de Trâns. da G.N.R. . .	22458
Câmara . . .	22005
Táxis - 22704 - 22077 - 22540 - 22467	22460 - 22498 - 22439
Repartição de Finanças . . .	22616
C. I. S. M. L.	22015
Camionagem de carga . . .	22527
Camionag. de passageiros . . .	22546
Serv. Munip. água e luz . . .	22054
Posto de Turismo . . .	22511
Tribunal . . .	22001
Notário . . .	22089
Estação dos C.T.T. . . .	22111
Escola Técnica . . .	22596
Liceu . . .	22582
Estação do C. de Ferro . . .	22554

Vida Religiosa

Horário das missas dominicais:

As 9 horas — N.ª Sr.ª da Ajuda
As 9,30 horas — Santa Luzia.
As 11 horas — Santa Maria do Castelo.

As 12 horas — S. Francisco.
As 18 horas — Sant'Iago.

De Semana:

As 8,30 horas — Sant'Iago.
As 9 horas — N.ª Sr.ª da Ajuda.

Sábado:

As 16,30 horas — Sant'Iago.
As 21,30 horas — N.ª Sr.ª da Ajuda
(Missas para cumprimento do preceito dominical)

CONVERSA DA SEMANA

DEMOCRACIA

Continuação da 1.ª página

cada homem não tem limites além daqueles que assegurem aos outros membros da sociedade o gozo desses mesmos direitos. Esses limites só podem ser determinados pela lei.

«Art.º 10.º — Ninguém pode ser inquietado pelas suas opiniões, mesmo religiosas, desde que as suas manifestações não perturbem a ordem pública.»

«Art.º 17.º — Sendo a propriedade um direito inviolável e sagrado ninguém pode ser dela privado a não ser quanto a necessidade pública legalmente verificada, o exija, e sob condição prévia e justa indemnização.»

Em Portugal, uma vez proclamado o regime constitucional, procurou-se liberalizar e democratizar o povo no sentido de criar o Estado do Direito. Foram postos à margem da nova sociedade os privilégios do clero e da nobreza, embora aqui e ali por vezes se tentasse ressuscitá-los. A limpeza que se fez foi até à extinção das congregações religiosas, além das várias yassouradas no reaccionarismo que vinha enraizado do regime miguelista.

Sob a égide da Democracia não foram também esquecidos os Direitos do Homem, promulgando-se disposições legais semelhantes às da legislação francesa. Tivemos o Código Civil de 1867, o Código Penal, o Código de Justiça Militar, a Lei de Imprensa, tendo em matéria penal sido abolidos os castigos corporais, incluindo a ignóbil pena de morte. Neste ponto demos um grande passo à frente da França. Em toda a Monarquia Liberal publicaram-se diplomas dos mais evoluídos na comunidade europeia, com interrupção apenas de algumas ditaduras, incluindo a de João Franco poucos anos antes da implantação da República. E na vigência deste novo regime, novas leis democráticas foram postas em vigor. Tivemos a Lei do Registo Civil, a Lei da Separação da Igreja do Estado, a Lei da Família, a Lei do Divórcio e outras leis de grandes reformas até à ditadura de Pimenta de Castro, derrubada pela revolução de 14 de Maio de 1915. Novamente a Democracia triunfou até à marcha militar de Gomes da Costa, em 1926, conhecida pelo «28 de Maio», que trouxe no bojo uma ditadura de opressão e repressão em todo o País. Porém, nos últimos anos parece que tudo se agravou na vida nacional. Os abusos de autoridade sucediam-se dia a dia. A sangria era cada vez maior. Explorava-se o contribuinte sem contemplação. Esbirros fardados espreitavam as suas vítimas, na caça à multa, pois era preciso dinheiro para os cofres do fascismo insaciável. Extorsões e corrupções eram apanágio desses esbirros e outros espalhados por diferentes repartições públicas onde a malária dos serviços se tornara endémica. Um saneamento radical se impõe. Confiemos na acção profiláctica dos homens da Democracia.

T.

Não deixe que a explosão aconteça

PERTAS fábricas devem proteger-se não só contra os incêndios mas ainda contra as explosões, que podem ser violentas e destruidoras.

As explosões podem ser provocadas por substâncias tais como os explosivos vendidos no comércio ou pela concentração no ar, de vapores, de gás ou de poeiras

Entre as poeiras que formam com o ar misturas explosivas, figuram as poeiras orgânicas (poeiras de farinha, de açúcar, de amido, etc.), assim como as poeiras metálicas (poeiras de alumínio e de magnésio, por exemplo).

As substâncias que sob a forma de vapores ou gases apresentam o mesmo perigo são nomeadamente o acetileno, o óxido de carbono, o éter, o hidrogénio sulfurado e o metano.

A mistura destes gases, ou destes vapores e do ar, não é sempre explosiva; é necessário, com efeito, que a dosagem dos diversos elementos seja correcta, quer dizer, esteja compreendida no que se chamam os limites de explosividade inferior e superior.

A fabricação, a manutenção, armazenamento e utilização dos explosivos vendidos no comércio exigem, por seu lado, uma grande série de precauções.

No que diz respeito às misturas explosivas de ar e de gás, ou do ar e vapores, o melhor meio de protecção consiste em impedir essa formação; quando isso não seja possível, é necessário manter a concentração abaixo do limite inferior de explosividade, ou através de um sistema geral de ventilação, eliminar vapores e gases, no local onde se formam, através de uma instalação de aspiração localizada.

MORREU o Dr. Augusto Gamboa Leitão

(Continuação da 1.ª página)

que, há quem diga, lhe abreviaram a existência.

Pelos contactos sociais que mantivemos com o Dr. Gamboa Leitão, notamos nele sempre uma pessoa correcta, que vivia exclusivamente para a sua Escola e para os seus alunos, que faziam por assim dizer parte integrante da sua família.

Era licenciado em Ciências Geológicas, natural de Lisboa, freguesia de S. Vicente, contava 62 anos de idade e era casado com a sr.ª Dr.ª Maria Romana Aboim de Faria Pereira Gamboa Leitão, irmão da sr.ª D. Inês da Cruz Gamboa Pessoa Chaves e do sr. Alberto Cesar Gamboa Leitão e cunhado do Dr. Rui João de Faria Pereira.

Os seus restos mortais foram depositados na igreja de São Francisco, onde esteve em câmara ardente, tendo-se realizado o funeral na tarde de domingo, após ter sido celebrada missa de corpo presente.

Centenas de automóveis, alguns vindos de Estremoz, dezenas de professores, centenas de alunos com ramos de flores acompanharam à última morada o saudoso extinto.

Por sua expressa vontade, e em face dos desgostos ultimamente sofridos, fora a enterrar coberto de flores, muitas delas orvalhadas de lágrimas de saudade, no pequenino cemitério da aldeia de Santo Estêvão, onde igualmente repousam os restos mortais de um outro nosso velho e querido amigo dali natural.

Professores, alunos, gente de todas as classes sociais e credos políticos, lá foram acompanhar os restos mortais daquele que foi director e orientador da massa estudantil de Tavira durante alguns anos.

Falou á beira da sepultura, na qualidade de antigo professor e amigo do saudoso extinto, o sr. José Filipe Ribeiro, palavras repassadas de sentimento e mágoa pela perda de um bom cidadão, de um exemplar educador e de um amigo, que ecoaram naquela tarde triste de Junho, num pacato cemitério de aldeia.

A sua memória desfolhamos pesadamente um ramo de saudades, endereçando à família enlutada sentidas condolências.

A LUPA

(Continuação da 4.ª página)

cluiu a demissão do Director da Escola Técnica. Um homem que se dedicou, alma, corpo e coração, à escola, aos estudantes. Para ele, os moços e moças que entravam nessa escola eram todos, sem excepção, seus «filhos». Eu posso fazer esta afirmação, porque, embora os meus contactos com ele tenham sido muito limitados, fui testemunha da sua maneira de ser.

Deus queira — blasfémia esta expressão, porque Deus lhe terá manifestado a verdade! — mas, usando a expressão do vulgo, Deus queira que ele se tenha apercebido de que nenhum dos estudantes lhe queriam «fazer mal». Irei mais longe, direi que, se eles, os «culpados», se tivessem apercebido do mal que lhe estavam a fazer, não teriam proseguido a sua «luta de libertação». Os verdadeiros culpados, os instigadores, alguns «de fora», que os conheço, certamente também teriam desistido, nem que fosse temporariamente, se soubessem que o que faziam poderia causar tanto sofrimento. Sofrimento que viria a precipitar a sua morte.

Ainda no Sábado passado me referi, antes de saber que Augusto Gamboa Leitão estava prestes a morrer, ao abuso da Liberdade: «... Quando ofendemos, insultamos, melindramos, matamos, seja de que maneira for, enforcando, «catanando», fuzilando, ou torturando a alma de gente idosa que toda a vida quis servir o próximo, tudo isso em actos dominados pela indisciplina e intolerância; actos dominados pelo desejo de vingança, de castigo, de perseguição... ah! assim não, mil vezes NÃO!»

O meu coração de Português, nacionalista (e não tenho medo de o dizer!) e o meu coração de ser humano (um só coração, afinal!) tem muito mais a dizer sobre este assunto. Mas acho que algumas das palavras proferidas, com tanto coração, com tanta sinceridade, junto à campa de Gamboa Leitão, valem muito mais. E foi o José Filipe Ribeiro, antigo professor daquela escola que as disse: «... Um homem que foi grande mas sempre humilde... que dedicava o seu amor aos estudantes... para ele como se filhos fossem... tanto fez e queria fazer pela escola que dirigia... e, no fim da vida, foi tão mal-pago!»

Houve quem dissesse que esta última frase não devia ter sido pronunciada. E talvez tenha razão. Alguma, não toda. Porque estou certo de que ninguém queria que isto acontecesse. Nem mesmo os mais responsáveis. «Tão mal pago», contudo, não foge à Verdade...

Mas, afinal, não seremos todos culpados? Sim, porque todos nós sabemos o que se passava... Sabíamos que essas greves, essas letras escritas nas paredes do Liceu e da Escola Técnica, acabariam por matar o senhor idoso, cuja sensibilidade, como tão bem me disse um bom e caro amigo, era tão grande como a de uma criança inocente...

Porque nós, cidadãos, pais dos estudantes, professores, pedreiros, engenheiros, comerciantes, agricultores, pescadores — porquê é que nós não levantamos um dedo no sentido de não permitir tais greves! Reivindicações, apelos para o que alguns acharam ser justo? Sim senhores! Mas sem manifestações dessas, sem greves, sem atitudes de intolerância, sem atitudes de meninos «mal-criados» e ingratos... Porque há muitas maneiras de lutar pelos nossos ideais. A melhor sempre foi provando que o que queremos é bom, justo, legítimo. Acima de tudo, com modos e maneiras civilizadas. De gente que quer mais cultura porque já dela tomou conhecimento.

Os «culpados» mais directos foram esses irresponsáveis, inconscientes, eufóricos instigadores. Alguns deles nem em Tavira residem. Nem estudantes deste Liceu ou desta Escola Técnica são...

Nós consentimos. Culpados somos também.

Eu, pelo menos, sinto-me culpado. Peço perdão. A vós, não. A Deus. Que isto nos sirva de exemplo.

TANTO quero dizer. Mas não posso. Não devo. Solene a hora. De homenagem ao homem que terá sido uma das vítimas de uma maneira de proceder que não serve para exemplificar os gritos de «povo unido... jamais será vencido!»

E CONTINUAMOS a passear á beira do Gilão. Céu azul. Casas tão branquinhas, reflectidas no espelho das suas águas... E, como diz o meu bom amigo Don Alfredo, «a Vida continua...» E, como sempre, até sábado... se Deus quiser!

Don Carlos

Farmácias de Serviço de 8 a 14 de Junho

HOJE — Farmá.	ABOIM
DOMINGO — »	CENTRAL
SEGUNDA — »	FRANCO
TERÇA — »	SOUSA
QUARTA — »	MONTEPIO
QUINTA — »	ABOIM
SEXTA — »	CENTRAL

Reivindicações

(Continuação da 1.ª página)

A Igreja, que timbra em distribuir pelos seus adeptos a maior soma de bem-estar de que pode dispor, tanto na ordem material como nos domínios do espírito, aceitará com certeza estudar de novo o assunto.

Bem sabido que, apesar de todas as modificações litúrgicas, o Dogma ficou inalterável e é disposição secular, que só a morte dum dos conjugues tornará dissolúvel o laço matrimonial. Mas a Igreja, se quiser, poderá ponderar que sacramentos que imprimem carácter e exigem votos vitalícios, suportam hoje somente promessas que podem ser alteradas se as condições individuais forem curtecedentemente justificáveis. Foi uma salutar modificação do meio ambiente em que vivemos, mas que nos habilita a tomar como possível a dissolubilidade do sacramento do matrimónio, pois que todos os votos perpétuos foram dispensados, excepto este.

A Igreja não olha só o momento presente. Encara também o futuro e pretende salvaguardar a célula familiar e o direito dos filhos em face de sucessivos casamentos, sujeitos que ficam a uma certa distorção.

Salta aos olhos do entendimento mais rudimentar a necessidade de proteger o direito dos filhos, mas convém também recordar que do recurso ao abuso do divórcio vai um abismo, abismo este que pertence ao tribunal judicial preencher de bom senso e justiça, coisas que nem sempre andam ao de cima, na maré da vida.

Considera a Igreja que, para um sacramento se contar como válido, tornam-se necessárias certas disposições de parte de quem o recebe e se estas disposições não existirem o sacramento permanece nulo. Bem podemos avaliar, quantos e quantos casamentos religiosos ficam nulos porque as mais bastas vezes as disposições referidas não existem na parte dum dos requerentes, e também de ambos. Vão à igreja por simples formalidade ou maior ostentação, longe de «quererem» sacralizar uma decisão irrevogável e para a vida inteira, decisão para que não têm um mínimo de preparação nem consciência, pelo que, com um «assopro», ficam em coisa nenhuma. «Querendo», a Igreja dará o «assopro», sem infringir as suas normas.

J. L.

Noticias Pessoais

Fazem Anos:

Hoje — D. Maria Antonieta Peres Jara, srs. Carlos Alberto Baptista Peres e Manuel Argentino de Bettencourt, meninas Cecília da Conceição Beza, Florise da Trindade Ave, Maria do Carmo Martins dos Santos, Cristina Maria Ribeiro Louro Pedroso e o menino Filipe Mendonça da Encarnação.

Em 9 — D. Maria José Nolasco e a menina Maria José Neves Lagoas.

Em 10 — D. Maria Cristina Marques de Campos, srs. Rolando Evermundo Matos e Américo Vitor Faria e a menina Fernanda Maria de Andrade Viegas.

Em 11 — D. Maria Helena Faleiro Martins, srs. José Inácio Dias e José Luís Cesário Junior e a menina Maria da Luz.

Em 12 — D. Maria José dos Reis Ribeiro, srs. João Eduardo Entrudo Graça e António Pedro e a menina Anabela Maria Palmira Matos.

Em 13 — D. Maria Antónia Gomes Peres, Mlle. Antónia Garcia Gomes, D. Joaquina Maria Gonçalves e o sr. António Conceição da Silva.

Em 14 — D. Maria Celisa Pires Bernardo de Matos, sr. António Maria Basílio da Silva Modesto e a menina Maria Manuela Entrudo Viegas.

Partidas e Chegadas

De visita a sua família encontra-se nesta cidade, o nosso prezado amigo sr. João Vicente, antigo proprietário do Café Imperial, que durante quase duas dezenas de anos tem permanecido no estrangeiro.

Partido Popular Democrático Comunicado à Imprensa

Considerando que, frequentemente, têm vindo a lume, nos órgãos de informação, diversas notícias referindo algumas pessoas como tendo aderido ao PARTIDO POPULAR DEMOCRÁTICO, sem que tal corresponda à realidade, cumpre tornar público que:

1.º — A adesão ao P.P.D. depende da decisão nesse sentido, da respectiva COMISSÃO DE ADMISSÃO.

2.º — Consequentemente, qualquer informação no sentido acima referido, só poderá considerar-se fidedigna, quando prestada através dos órgãos competentes do Partido.

TOTOBOLA

Concurso Extraordinário
Campeonato do Mundo 74

Nome: «Povo Algarvio»
Morada: TAVIRA

- | | | |
|----|----------------------------|---|
| 1 | Polónia — Argentina . . . | 2 |
| 2 | Chile — R. D. Alemã . . . | 2 |
| 3 | Jugoslávia — Zaire . . . | 1 |
| 4 | Escócia — Brasil . . . | 2 |
| 5 | Holanda — Suécia . . . | 1 |
| 6 | Bulgária — Uruguai . . . | 1 |
| 7 | Argentina — Itália . . . | 1 |
| 8 | Austrália — Chile . . . | 1 |
| 9 | R. D. Alemã — Alem. Fed. . | 1 |
| 10 | Escócia — Jugoslávia . . . | 1 |
| 11 | Bulgária — Holanda . . . | 2 |
| 12 | Suécia — Uruguai . . . | 1 |
| 13 | Polónia — Itália . . . | 2 |

V. P.

Futebol



O Algarve

na Taça de Portugal

Sporting, 2 — Olhanense, 1

Ah! se o jogo tivesse sido em Olhão, talvez pairasse no Estádio Padinha o espectro de um velho carneiro que há tantos anos está para ser imolado.

Mas, alguma vez será, a esperança foi sempre a grande alma da vitória.

O Olhanense conseguiu um empate na 1.ª parte, tendo vindo a perder pela tangente. Até a interdição do campo colaborou na vitória.

2.ª Divisão (Zona Sul)

O Portimonense foi empatar a Odivelas por 2-2.

No domingo jogam: Portimonense — C. da Piedade

3.ª Divisão (Série D)

Os resultados alcançados foram os seguintes:

Sambrazense — Costa da Caparica, 2-2; Silves — Lusitano, 3-2 e Vasco da Gama — Esperança, 0-0.

Jogam a seguir: Esperança — Sambrazense; Estrela V. N. — Silves e Lusitano V. R. — Vasco da Gama.

TOTOBOLA

Concurso n.º 41 — 16/6/74

Nome: «Povo Algarvio»

Morada: TAVIRA

- | | | |
|----|-------------------------------|---|
| 1 | Salgueiros — Chaves . . . | 1 |
| 2 | Penafiel — Oliveirense . . . | 1 |
| 3 | Fafe — Varzim . . . | 1 |
| 4 | Braga — Riopele . . . | 1 |
| 5 | Sanjoanense — Tirsense . . . | 1 |
| 6 | Feirense — Lourosa . . . | x |
| 7 | Almada — Torres Novas . . . | 1 |
| 8 | Torriense — U. Montemor . . . | 1 |
| 9 | Lusitano — Sacavenense . . . | 1 |
| 10 | Marinhense — Atlético . . . | 2 |
| 11 | Sesimbra — U. Leiria . . . | 1 |
| 12 | Marítimo — Peniche . . . | 2 |
| 13 | Sintrense — Odivelas . . . | 1 |

V. P.



Francisco Teodoro Vaz

Agradecimento

A família de Francisco Teodoro Vaz, agradece reconhecidamente a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada e bem assim àquelas que directa ou indirectamente lhes manifestaram o seu pesar.

Arrendam-se

Duas propriedades rústicas, no sítio do Mato de Santo Espírito, denominadas «MATO» e «MATINHO», com boas terras de sementeira, variado arvoredo — alfarrobeiras, amendoeiras, figueiras e oliveiras, com boa produção.

Dirigir propostas a Zulmira de Mendonça Campos Malta, Rua General Garcia Rosado, 18 1.º Esq. — Lisboa - 1. Telefone 55 71 33.

Timor, e Suas Gentes

por JOSÉ REBELO

CONTINUANDO a falar de Timor, diremos que o timorense é, regra geral, moderado na alimentação, consistindo as suas refeições num pouco de milho assado, rudimentarmente cozinhado, por vezes colocam os milhos ou o feijão no pilão e fazendo-os em farinha, cozem-na depois com couves, pontas de abóbora ou certas ervas por eles conhecidas como boas, dando a este alimento o nome de *jangão*.

No tempo das guerras, o combatente podia sustentar-se com um bolo a que chamavam *apa* e que era constituído por um pouco de farinha amassada, sendo depois envolta em folha de bananeira.

O timorense, quando tem que se deslocar por algum tempo de sua casa, faz-se acompanhar por certa quantidade de maçarocas de milho, que serão comidas em cru, ou assadas em qualquer fogueira que será feita na altura da refeição.

Também gostam de pescar e caçar. O peixe e a carne serão quase sempre assados em brasas e comidos por vezes, com uma certa dose de picante à mistura.

Gostam imenso de bebidas alcoólicas e fazem-nas de tudo o que possa fermentar.



Santo Estêvão

Necrologia — No passado domingo, dia 2 do corrente, cerca das 20 horas, realizou-se em Santo Estêvão, o funeral do sr. dr. Augusto Gamboa Leitão, ilustre Director da Escola Técnica de Tavira, cargo que exerceu durante vários anos com inescedível brilho e devotado amor pelos seus alunos.

O extinto contava 62 anos de idade e deixou viúva a sr.ª D. Maria Romana Campos Aboim de Faria Pereira Gamboa Leitão, faleceu em Lisboa, terra da sua naturalidade, mas por sugestão familiar, foi sepultado numa campa do cemitério de Santo Estêvão, onde jaze para sempre, no silêncio profundo da morte que o dissipará. No cortejo fúnebre incorporaram-se muitas centenas de pessoas das mais diversas camadas sociais, assim como alguns alunos do curso que ele ministrava.

Viam-se olhos marejados de lágrimas, lágrimas de saudade daquela fisionomia insinuante e bondosa, cuja morte foi uma espontânea manifestação de pesar.

A família do dr. Augusto Gamboa Leitão, endereçamos sentidos pésames — C.

A C. P. INFORMA:

Alteração de Horários

Por motivo dos trabalhos de renovação da via, desde o dia 26 de Maio e até aviso em contrário, continuam a efectuar-se apenas aos sábados, domingos e feriados oficiais a estes equiparados, as seguintes circulações:

8113 e 8114 — entre Barreiro e Beja e volta, com partidas, respectivamente, às 13h20 e 14h10.

8126 e 8127 — entre Pinhal Novo e Fonte e volta, com partidas, respectivamente, às 14h20 e 15h10.

8128 e 8131 — entre Pinhal Novo e Vendas Novas e volta, com partidas, respectivamente, às 19h00 e 16h37

8354 e 8355 — entre Barreiro e Montemor-o-Novo e volta, com partidas, respectivamente, às 13h00 e 14h00.

8412 e 8413 — entre Barreiro e Evora e volta, com partidas, respectivamente, às 13h20 e 14h25.

O timorense gosta imenso de se deitar tarde, passando parte da noite em conversas, de volta dum braseiro, quer feito dentro, ou fora da sua habitação. Nesse braseiro, podem por vezes ser assados pequenos bocados de carne, que são comidos durante a reunião. Preferem estar acorados e não sentados e em vez de fumarem o tabaco, mascam-no, misturando-o com betel e areca.

Em geral é a timorense quem se levanta mais cedo, sendo ela também quem se encarrega de fazer a comida e tratar da casa e dos filhos.

Outrora o timorense não se preocupava muito com o seu vestuário, porém devido à acção civilizadora que tem sido feita, não se vê quem ostente o langotim, com vimos na Índia então inglesa.

O timorense tem o cabelo preto e por vezes usa-o espantosamente. Na cabeça usa um lenço bem garrido, enroldado e atado atrás, costumando retirá-lo para cumprimentar os europeus. Duma maneira geral apresentam o tronco nu, por vezes tapado com um pano, mais ou menos garrido, a tiracolo. Da cintura para baixo usam uma espécie de saia a que chamam *lipa*, que foi tecida pelas timorenses, com o algodão que colheram e tingido por tintas que aproveitam pela fervura de certas ervas.

Os régulos e suas famílias vestem por vezes *Cabaías* de seda de bonitas cores, para taparem o peito, onde colocam também luas de ouro ou prata, conforme a sua riqueza.

A timorense, que é quase sempre elegante e sabe *pisar*, cuida melhor do seu vestuário. Os cabelos são bem cuidados, sendo alisados muitas vezes e untados com óleo de coco. Usam enormes pentes com rendilhados, feitos de tartaruga ou de corno de búfalo. As que podem usar brincos de ouro ou prata e cordões de miçanga. Nas pernas gostam de mostrar braceletes de prata e sobre o peito um coração com luas de ouro ou prata.

O peito (seio) que é quase sempre bem feito, pode andar coberto com *cabaías*, que podem ser arrendadas ou com o *cambate malaio*, que pode ser branco ou de outras cores. No campo em geral, a mulher traz apenas um *sarão*, espécie de maxi-saia, apertada sobre o peito, ou anda com o peito à vela, mostrando o bem arredondado seio.

Com o andar dos tempos, já vão gostando dos perfumes, a que chamam *mini-amur*, e também de relógios de pulso. Quanto a calçado preferem andar com aquele que Deus lhes deu, mesmo até para melhor fazerem as suas danças, mas já vão aparecendo muitas com os pés cobertos com chinelas, alpergatas, género china, ou com socos e sapatos.

Era uso cortarem-se os dentes de certa maneira, umas vezes por galanteria, outras para que estas ficassem mais feias e os homens delas não gostassem. Em Bobonaro, conhecemos uma moça a quem os pais cortaram os dentes perto das gengivas, para que os japoneses dela não, gostassem, mas mesmo assim ela teve que ser sua concubina.

Devido aos casamentos que hoje fazemos com as timorenses, parte destes usos vão acabando e elas vestem como as europeias. Numa próxima continuaremos.

Lavandaria LANOVA
HORTA D'EL REI — TELEF. 22244
TAVIRA

AGÊNCIAS EM:
TAVIRA — CASA RODRIGUES — Rua 5 de Outubro
TAVIRA — BOUTIQUE PARAÍSO — Rua Estácio da Veiga
OLHAO — ULTRA MODAS — Av. da República
OLHAO — TUBÉBE' — Rua da Soledade

Limpeza a seco de: Fatos, Lãs, Carpetes, Cortinados, Colchas, etc.
Rapidez e perfeição — Serviço de urgência
Experimente os Nossos Serviços

Galerias D'El-Rei
Móveis em todos os estilos ao dispôr do público
Permanentemente Exposição
Móveis e Decorações
Rua Prof. Dr. António Manuel Pinto Barbosa — Telef. 22098 — TAVIRA

Ex.º Sr. Director
«do POVO ALGARVIO»
Tavira

Segue uma carta com o pedido de publicação no V/ estimado jornal, em resposta à que foi publicada no sábado passado, dia 1 de Junho, e grato ficaria se V. Ex.ª pudesse determinar no sentido de ser inserta, como aquela, ao lado da «LUPA» de Don Carlos, se for possível. De antemão agradeço a V. Ex.ª com os cumprimentos respeitosos de

Amílcar da Costa

Resposta à Carta de um Soldado no Ultramar

(«Povo Algarvio», 1 de Junho de 1974)

Caro Camarada:
Tendo lido a tua carta, publicada no «POVO ALGARVIO» de sábado passado, e discordando sobre alguns assuntos nela expostos, tomo a iniciativa de me dirigir a ti, por intermédio do mencionado e tão simpático jornal.

Talvez não seja eu a pessoa mais indicada para debater as tuas opiniões, mas creio que o que te vou dizer em seguida são as ideias que surgem na maior parte dos Portugueses radicados no Ultramar ou mesmo vivendo neste jardim à beira-mar plantado.

Tal como tu, eu também anseio pelo fim breve da «guerra colonial», mas as minhas ideias quanto ao regresso das nossas tropas são verdadeiras antagónicas das tuas. Como queres que o Governo, nesta hora tão difícil para ele, ordene o regresso imediato das forças estacionadas no Ultramar? Que seria dos Portugueses que lá vivem se os teus desejos se concretizassem?

Toda a gente sabe que é impossível o abandono imediato das nossas «colónias». Todo o bom Português acredita no Governo Provisório e sabe que ele só quer a Paz para todos nós. Que se as Forças Armadas abandonassem o Ultramar, os nossos irmãos brancos e pretos seriam sacrificados e humilhados por todos aqueles que durante tantos anos nos ofertaram e criaram ódio.

Por isso, meu bom amigo, é necessário que o Povo seja unido para não ser vencido, mas essa união tem que ter como bandeira o Amor ao próximo, e para tal é preciso que ao pensar-se no Ultramar se pense em primeiro lugar em todos os que lá labutam e têm os seus lares; e deve-se também ter no pensamento todos aqueles que, apesar de serem de diferente cor, tantas vezes nos ofertaram protecção, apoio moral, físico e material e que entregaram as suas vidas ao nosso País, para que este pudesse contar com os seus sacrifícios e com toda a ajuda necessária, oferecendo assim tudo o que tinham de mais sagrado pela Nação que é deles e nossa.

Camarada, antes de terminar, quero dizer-te que, em caso de necessidade, eu irei ao Ultramar, com o coração cheio de amor pelo próximo, com a firme certeza de que irei defender uma causa legítima: a integridade física e moral de todos aqueles que se albergam debaixo das Quinas Bentas da nossa Bandeira.

Pela Paz, pela Nação, pelo Povo Unido te peço que penses no teu próximo, que modifiques as tuas ideias, pondo de parte apelos de impossível realização na data actual — jamais esquecendo que a Liberdade nos entrega maiores responsabilidades pessoais. É uma dessas responsabilidades é a procura de Bem-estar de todos os filhos de tão nobre e bela Nação, à qual com orgulho eu pertencço... e tu também!

Com amizade,

Amílcar Costa

Sold. Inst. 12923774 CSM

Tavira, 2 de Junho de 1974

Vendo

1 Colecção da Biblioteca da Educação Nacional, com 250 decretos da Lei de 1910.

1 Códico Rural.

Contém todos os assuntos relacionados com propriedade rústica, agricultura, comércio, trabalhos agrícolas, polícia rural, florestal, campeste, água, animais, árvores, caça, pesca, cereais, vinho, etc.

1 Manual Agrícola com prática de todos os serviços agrícolas e plantações.

1 Livro — Novo Testamento, sobre Jesus Cristo, segundo a vulgata latina.

Pela maior oferta, em carta fechada, dirigida a Daniel Teodoro dos Santos, Rua dos Combatentes da Grande Guerra, 3 — Tavira.

GAZETILHA

Só Pintura!

Acabaram as moagens
Mais as armações de atum,
Se o turismo faz viragens
Nestas máximas paragens,
Val ser mesmo um trinta e um!

Oh! Fortaleza do Rato
Sonho de casas de chá!
Com a pedra no sapato
Cá por mim dou de barato
O que irão fazer pra lá...

Mais projectos não me apontes,
Não faças mais aranzel,
Sempre os mesmos horizontes,
Já vimos pontes a montes
Que ficaram no papel...

Cá por mim pouco me importa,
Não entrei na pacotilha,
Se acaso a coisa se entorta
Adeus, oh! Hotel da Horta,
Adeus, oh! Ponte pra Ilha!

Eu cedo à rapaziada
Todo o lucro que me toque
Na construção projectada,
Dessa ponte malfadada,
Pra viver no mundo «ad hoc».

Oh! Pilar! boga pra ilha
Nesse rumo passionnal,
Que a prata é uma maravilha
É a ponte uma gazetilha
Pra dia de Carnaval...

ZE' DA RUA

A LUPA

— por DON CARLOS —

TAVIRA perdeu a presença de um grande homem. Grande e humilde. E na humildade dos grandes reside a verdadeira grandeza. Tavira perdeu a sua presença física. Porque ele sempre aqui estará presente. O seu nome, Augusto Gamboa Leitão. Professor. Director da Escola Técnica de Tavira. Fora director da escola de Estremoz. Onde choraram quando souberam que, em Tavira, ele morrera. De onde vieram antigos colegas para, com coração, lhe prestar a sua última homenagem.

Mataram-no. Parecerá dura esta maneira de me exprimir. Mas é a verdade.

Era um homem doente. Talvez não durasse, fisicamente, mais um ano, dois... só Deus sabe! Mas o seu falecimento foi precipitado. E quem precipita a morte de um homem é um assassino. Quem poderá desmentir esta afirmação!

Fomos ao funeral. Tavira tanto lhe devia, o coração de Tavira exigia que ele aqui ficasse, entre nós. Mais fácil seria ir tanta gente, de vez em quando, depositar um ramo de flores sobre a sua sepultura. Mas, infelizmente, nesta altura, Tavira nem isso merecia. Um pouco mais longe foi Augusto Gamboa Leitão sepultado. Em Santo Estêvão, graças a Deus, que ainda o solo do Concelho de Tavira o acolheu. Assim, caro leitor, mesmo assim, Tavira pode ficar grata. Porque, embora este homem (este, porque conosco sempre presente ficará), não fosse Tavirense de facto, fez mais pelos filhos de Tavira do que muitos que aqui nasceram.

Mataram-no. Repito. E não tenho medo de o afirmar. Com essas greves do Ensino Secundário. Essas exigências — justas ou não, são discutíveis — que incluíam a «expulsão da Direcção do Ensino Secundário», o que in-

(Continua na 2.ª página)

MOSAICO JUVENIL

O Mundo da Juventude

Presença ... Doação ... Continuidade ...

NUM Mundo transformado pela ciência, pela técnica e pela cultura, todo o jovem quer adquirir novas posições, entrando em todos os sectores na vida social — na investigação científica, na educação, na vida intelectual, na política, na vida da Igreja, etc., etc., etc. Ora para que cada um seja amanhã, Homem na maior amplitude da palavra é preciso que cada jovem seja: Presença, Doação e Continuidade.

Presença — junto daqueles que tantas vezes embrenhados no domínio da criação, obstinados na afirmação de si próprios, na paixão da actividade, na busca dos seus interesses pessoais; nem notam a modificação continua do Mundo em que vivem.

Tu jovem para seres presença junto deles, precisas de saber enfrentar com coragem a sua obstinação e proporcionar-lhes uma nova afirmação, uma diferente paixão e uma busca contínua de novos horizontes, onde eles notem o perigo que estavam correndo e o que a juventude espera deles. Depois deves apresentar os teus

problemas e opiniões, para que em franca união, a juventude e os adultos, possam chegar à conclusão real e crua, da verdadeira crise juvenil. Nada melhor para isso do que apresentar os problemas aos pais, aos amigos mais velhos e aos professores; pois todos eles se prontificarão à orientação certa do vosso rumo de ideias.

Doação — Todo o trabalho humano deve ser encarado numa perspectiva de serviço da comunidade, de contribuição consciente e voluntária, embora diversa, de cada um, dos seus talentos e potencialidades aos homens seus irmãos.

É nesse carácter de oferta criadora do trabalho que reside a sua dignidade essencial.

É necessário pois que tu... jovem te entregues voluntariamente ao trabalho, não só com a obsessão económica, mas sim e principalmente com o intuito de ajudar o próximo, colaborando na pacificação do mundo, praticando a Caridade, e tendo sempre como lema a abnegação e como brasão a Verdade e sendo assim desempenhar uma função profissional, superior a um trabalho de produção.

Lembra-te jovem, que tu possues uma capacidade quase ilimitada de amor e que por isso deves ser de uma inteira Doação: na atitude de acolhimento, na capacidade de profunda vivência religiosa e na abertura para o mistério contido nos seres e nas coisas.

Continuidade — Jovem tens que encarnar o curso infinito das gerações e não o valor do eterno instante. Nunca podes ser rochedo, onde repouse o tempo, mas deves ser corrente que faça o tempo mais além.

A ti jovem está confiada uma geração, que amanhã será responsável por outras gerações.

Também eu, que como tu, sou jovem, quero construir um futuro risonho, para as gerações de jovens que virão depois de nós.

A nossa vocação é pois esta e por isso devemos meditar nela e aprender a transmiti-la.

Amílcar António da Costa
Sold. Inst. do C. S. M.

Assine o seu Jornal

Director da Escola Técnica de Tavira, um dos bons contribuintes da organização popular.

Reunião
do Conselho
de Ministros
presidido
pelo
Chefe do Estado
Provisório
General
António
de Spínola



Pela Imprensa

Jornal do Barreiro

Completo 24 anos de vida este nosso prezado colega, semanário regionalista, que se publica na importante vila-cidade do Barreiro e que tem por seu Director o sr. António Antunes Ribeiro.

Ao registar a efeméride endereçamos ao seu ilustre Director e todo o corpo redactorial as nossas cordiais saudações com votos de prosperidades para «Jornal do Barreiro».

Badaladas

Completo 26 anos de vida este nosso prezado colega, o semanário do Oeste de maior tiragem e expansão, que se publica em Torres Vedras, sob a inteligente direcção do Rev.º Padre Joaquim Maria de Sousa.

Ao seu ilustre Director e a quantos nele colaboram endereçamos saudações com votos de prosperidades e longa vida para o seu jornal.

Diário do Alentejo

Completo 45 anos de vida este nosso prezado colega da Imprensa regional acérrimo defensor dos mais lídimos interesses da capital do Baixo Alentejo, inteligentemente dirigido pelo jornalista Melo Garrido.

Ao seu ilustre Director e a todos os seus colaboradores, desejamos muitas felicidades.

NECROLOGIA

José António Bernardo

No passado dia 25 de Maio, faleceu em Lisboa, onde há muitos anos residia, o sr. José António Bernardo, de 74 anos de idade, empregado no comércio, natural de Alcoutim. O falecido deixou viúva a sr.ª D. Custódia da Assunção Pacheco Bernardo.

Os seus restos mortais foram depositados na igreja de S. João Evangelista, de onde, no dia 26 se realizou o funeral para o cemitério do Alto de São João.

A família enlutada endereçamos sentidos pésames.

HOTEL DA BALAIA

O CHORAL PHYDELLIUS abre a série CONCERTOS / 74

A série CONCERTOS/74 que o Hotel da Balaia, mantendo uma tradição que vem desde há cinco anos, organizou para o ano em curso, e que deveria ter-se iniciado em Abril passado, abrirá hoje, Sábado, 8 de Junho, pelas 21,45 horas.

Ouvir-se-á o «Choral Phydellius» sob a Direcção de José Robert, que interpretará obras de Monteverdi, Poulenc, Gallus, autores anónimos dos Sec. XVI e música portuguesa, sobretudo de Fernando Lopes Graça.

O «Choral Phydellius» que desde 1957 vem exercendo uma intensa actividade está hoje colocado entre os melhores conjuntos vocais portugueses, tendo alcançado grande êxito no recente «Festival dos Três Coros», realizado em Torres Novas.

No Domingo, dia 9, pelas 17 horas, o «Choral» actuará em exclusivo para o pessoal do Hotel da Balaia, num espectáculo organizado pelo Grupo Desportivo e Cultural do Pessoal do Hotel da Balaia.

Os bilhetes, gratuitos, para o primeiro dos espectáculos (aberto a todo o público) podem ser pedidos ao Serviço de Relações Públicas do Hotel da Balaia ou em qualquer dos Postos de Informações da Comissão Regional de Turismo do Algarve, durante os dias 7 e 8 de Junho.

DR. PEARCE DE AZEVEDO

Do nosso prezado amigo e assinante sr. Dr. José Manuel Teixeira Gomes Pearce de Azevedo, recebemos um amável cartão de agradecimento pela colaboração dada pelo nosso jornal durante o desempenho das funções de Presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve.

Registamos com agrado a gentileza e expressamos-lhe os nossos votos de prosperidades.

FESTEJOS POPULARES

Correspondendo à local que demos à estampa no último número do nosso jornal, sobre a realização dos Festejos Populares, avistou-se conosco a Comissão do Mastro da velha Rua de S. Tiago, que já o ano passado não entrara na competição em virtude daquela artéria se encontrar de luto pelo falecimento de alguns dos seus moradores e que este ano trabalhava activamente para acompanhar a tradição, novamente foi forçada a suspender as ornamentações, em virtude da morte inesperada de mais um vizinho, o dr. Augusto Gamboa Leitão.

BASTA!

Está provado que alguém nos tomou de ponta, cerrando os dentes, criando espuma na boca e alfinetando-nos por tudo e por nada.

Classifica de inúteis os 40 anos de vida do nosso jornal, embora espontaneamente, sem qualquer interferência da nossa parte, tivesse sido dado o seu nome a uma das ruas duma aldeia do concelho, e lhe tivesse sido conferida publicamente a medalha da cidade.

São maneiras de ver mas, parece-nos oportuno perguntar se o assanhado crítico já fez alguma coisa em benefício da nossa terra?

O que tem ele que ver que tivéssemos dado vivas a este ou aquele partido?

Quere insinuar que acompanhamos o fascismo, como já declarou que a censura não nos incomodou. Diversos artigos nos foram cortados durante a longa jornada e, se apenas sofremos um mês de suspensão, ficou-se a dever tal benesse ao prestígio político que nessa data gozava o então Director do jornal.

Mas o que temos nós que ver com a sua vida e os seus actos políticos ou acaso pretenderá que lhe prestemos vassalagem?

Se ele não gostava do fascismo porque lhe prestou o seu serviço remunerado? Por desporto? Por

ser absolutamente necessária ao País a sua competência profissional? Mais digno seria não colaborar.

Não compreendemos tal atitude, ou para melhor dizer, tal ódio contra nós, que se vem estendendo ao longo de mais de um ano e que talvez agora se tenha fortalecido, após a recente escalada à janela do Município numa inflamada sessão de Malo, e daí, termos que suportar o seu azedo vômito político.

Pretenderá que a liberdade conquistada com o golpe de Estado de 25 de Abril sirva só para seu uso pessoal atirando para as feras todos os outros que vieram de longada bem ou mal encaminhados pelos ventos da época?

Pode continuar se assim entender mas deixe-nos em paz, porque embora o conheçamos muito bem, nunca nos preocupamos com a sua vida e até nutríamos por ele aquela simpatia pessoal e familiar que nos restava de uma mocidade estudantil.

Os homens mudam como os ventos e as políticas!

Até aquela sempre respeitada camaradagem da Imprensa desapareceu.

Que Deus lhes perdoe!
E ponto final.